

**Dependência química:
os desafios da equipe interdisciplinar no cuidado com a
família**

Adriana Pereira Souza

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Franca

dri_pereira20@hotmail.com

Nayara Hakime Dutra Oliveira

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Franca

nayarahakime@gmail.com

Autor principal: Adriana Pereira Souza – Endereço: Rua Walter Silveira, 1459,
Vila Marta, Franca – SP, CEP: 14403-170

RESUMO

A investigação apresentada faz uma interface do trabalho interdisciplinar realizado no atendimento às famílias de pessoas com dependência química em tratamento na Associação Mão Amiga Recanto Janaína na cidade de Franca-SP, onde se verifica um ótimo resultado no tratamento a partir deste trabalho. Os resultados obtidos surgem através dos dados quantitativos apresentados pela própria instituição que trabalha com uma equipe composta por profissionais de diversas áreas.

Palavras-chave: Dependência Química; Família; Trabalho Interdisciplinar.

RIASSUNTO

La ricerca presentata è un'interfaccia dello lavoro interdiciplinare realizzato su servizio per le famiglie delle persone com dipendenza di sostanza chimico in trattamento nella Associação Mão Amiga Recanto Janaína nella città di Franca-SP, dove c'è un grande risultato. I risultati arrivano attraverso i dati quantitativi presentati in dell'istituzione che funziona con un team di professionisti provenienti da diversi settori.

Parole-chiave: Dipendenza; Famiglia; Lavoro interdisciplinare.

INTRODUÇÃO

Por se tratar de um tema polêmico e abrangente a questão do uso de drogas tem sido cada vez mais estudada. A dependência química enquanto doença é pouco aceita pela sociedade brasileira, sendo seu uso ainda hoje ligado a ausência de ocupação e método de fuga para os diversos problemas sociais enfrentados.

O método e teoria utilizados nesta análise são os da abordagem relacional, que privilegia as relações sociais num todo, é voltada para a compreensão com profundidade dos fenômenos sociais e para aprender os aspectos humanos mais significativos. Privilegia a ação recíproca entre sujeitos. Essa discussão do trabalho interdisciplinar se faz necessária num momento em que o atual cenário de complexidades sociais exige a cada dia uma equipe maior de profissionais de diversas áreas que tenham competência e capacidade para um trabalho eficaz. As complexidades emergentes da contemporaneidade envolta por mazelas sociais é que nos mostra essa necessidade. Na associação analisada tem se resultados claros e que são capazes de nos mostrar que a interdisciplinaridade é possível e vem acontecendo satisfatoriamente. A questão da dependência química é atual e um caso grave de saúde pública. Tratamentos nestes casos são sempre desafiadores, e o trabalho com a família das pessoas que passam por internações e vivenciam o drama da codependência é necessário, e é mais completo quando realizado interdisciplinariamente.

(DES) ENVOLVIMENTO

Pesquisadores como Kerr-Correa¹ e Baptista Neto² vem dando destaque para a importância do papel da família na formação dos sujeitos, principalmente no que se refere aos fatores de proteção ao uso de substâncias psicoativas.

Segundo Kerr-Correa¹ saber reconhecer quais fatores cada pessoa está exposta auxilia na prevenção ao surgimento da doença e até mesmo do uso de substâncias psicoativas, esses fatores são classificados em fatores de proteção e fatores de risco. Dentre eles a família ganha destaque.

Quando analisado o contexto familiar pode-se considerar como fatores de proteção: o bom relacionamento familiar; pais e familiares presentes e participativos;

monitoramento das atividades dos jovens e adultos e pais ou familiares que transmitam regras claras de comportamento para os jovens. Já os fatores de risco estão ligados a falta de envolvimento familiar; ambiente familiar conflituoso, educação familiar frágil, o uso de álcool e outras drogas pelos pais ou familiares e modelos de comportamentos negativos. A família é ou deveria ser a responsável por ensinar seus jovens a lidar com as frustrações e limites.

Quando a dependência química se instala na família o sentimento de culpa passa a dominar as sensações destes. Na maioria dos casos só se busca por tratamento quando as perdas são tão grandes que fica complicado reconstituir os vínculos. Nesse sentido (des) envolver o sentimento de confiança entre a família se torna algo complexo.

Para Baptista Neto² não podemos considerar apenas o ambiente familiar desfavorável, apesar deste ser um fator preponderante é necessário analisar os demais fatores que desencadeiam o abuso e a dependência às drogas.

Estes outros fatores são os individuais e também o contexto social em que cada indivíduo está inserido.

Por isso o tratamento da dependência química exige uma equipe interdisciplinar com alta qualificação, pois atender esse público em específico é desafiador.

Por interdisciplinaridade nós entendemos aqui que são as mais diversas formas de atuação entre duas ou mais disciplinas que tem o objetivo comum de compreender um objeto a partir de pontos de vistas diferentes em que o resultado dessas observações chegue a uma unidade de intervenção, traçando assim um caminho de aprendizagem e trabalho cooperativo³.

A Associação Mão Amiga Recanto Janaína (AMARJA) localizada na cidade de Franca-SP, realiza tratamento para dependência química há 11 anos, atuando como Comunidade Terapêutica oferece 20 vagas para internação voluntária a pessoas do sexo masculino, valoriza o trabalho interdisciplinar realizando reuniões com toda a equipe semanalmente para a discussão de casos. A equipe da instituição é formada por uma assistente social, três psicólogas, um médico psiquiátrica, um farmacêutico que responde enquanto responsável técnico da equipe, um educador físico, um nutricionista, três coordenadores, uma gestora de recursos, 2 auxiliares administrativos e 1 cozinheira.

Além disso, ela é referenciada no trabalho realizado com as famílias por oferecer diversos atendimentos e acompanhamento (atendimento e orientações com assistente social, grupo de apoio familiar e terapias vinculares) durante todo o período em que as pessoas com dependência química passam pela internação.

Porém este trabalho é emaranhado de desafios, e damos destaques a dois pontos no que se refere ao trabalho específico com as famílias. O primeiro se refere ao próprio trabalho interdisciplinar que deve ser muito bem articulado e contar a habilidade do líder da equipe para obtenção de sucesso. O segundo ponto é a ruptura dos vínculos familiares que podem ocorrer facilmente após a instalação da codependência o que dificulta o acesso e a participação efetiva de seus membros

Nestes dois pontos, a instituição que apresentamos busca alternativas para obter os resultados satisfatórios no decorrer do tratamento. Quanto à equipe interdisciplinar é necessário a princípio romper a barreira da hierarquização que é uma visão extremamente engessada nas empresas capitalistas. Esse ideário de trabalho deve ser desconstruído dando lugar para uma ação cooperativista, desenvolvendo uma nova forma de se relacionar em diversos âmbitos, por exemplo, na gestão, na divisão e organização do trabalho e na relação entre equipe e pessoas atendidas. Para isso deve-se ter uma equipe capacitada, objetivos bem definidos, habilidade para lidar com os conflitos e alinhamento na comunicação⁴.

A AMARJA trabalha neste sentido com uma linha hierárquica diferenciada onde cada integrante da equipe se relaciona com os demais sem ter peso maior ou menor sendo ouvido a todos sempre na busca de atingir a missão institucional que é resgatar vidas. As reuniões periódicas propiciam o alinhamento da linguagem e facilitam a comunicação para se trabalhar os casos mais complexos daquela semana. Essa articulação de trabalho baseado na ciência antropológica permite o crescimento de todos que se encontrem abertos a usufruir de um método diferenciado de trabalho e liderança. Esse diálogo aberto voltado para as percepções individuais de cada profissional da equipe é responsável por parte do sucesso do trabalho. Respeitando as particularidades de atuação dos profissionais e das suas áreas e códigos de ética a associação consegue unificar o sentido do trabalho sem tirar a liberdade e método de atuação de cada profissional e sem perder a essência de sua missão.

Pontuado como os profissionais trabalham no complexo campo da interdisciplinaridade chega enfim desafio da codependência e do rompimento dos vínculos familiares.

Segundo Simão e Smaira⁵ “a codependência é uma doença emocional, que pode afetar toda a família do usuário de álcool e drogas”, elas ainda acrescentam que é a partir da mudança de comportamento do familiar que a doença será percebida, pois se passa a desenvolver toda a rotina diária e também suas relações pautadas no problema do outro, nos problemas daquele que tem a dependência química. Este é um comportamento problemático, desajustado e doentio. As autoras ainda colocam que “a relação passa a ficar pautada não mais no amor ou na amizade, mas sim na doença, no controle, no poder sobre o outro adoecido”.

É a partir deste quadro que fica perceptível a importância da família também participar do tratamento, pois esta se encontra adoecida tanto quanto a pessoa com dependência química. Estando também doente é difícil para a família cuidar e apoiar o usuário de drogas quanto percebe a necessidade do tratamento.

O grande desafio para a equipe é aproximar e conscientizar os familiares disso, pois muitos já têm os vínculos rompidos quando chegam até o tratamento. E nesse momento a atuação da equipe interdisciplinar é fundamental. A busca pela família, o primeiro contato para falar sobre o tratamento e sua participação, a adequação de horários para as terapias de forma que o familiar consiga ser atendido sem ter que alterar sua rotina no início até perceber os benefícios do tratamento, um simples contato telefônico, enfim a aproximação que se faz com eles durante o período em que seu familiar está internado tem apresentado ótimos resultados.

A AMARJA no ano de 2015 obteve sucesso em todos os casos de busca pela família daqueles que vieram para a internação ainda em situação de rua. O número de altas terapêuticas também aumentou significativamente comparado a 2014, no primeiro trimestre de 2015 teve um aumento de 7% e no segundo trimestre o aumento foi de 11%. Esses dados são significativos quando relembramos que a família é o principal suporte das pessoas em especial para aquelas que enfrentam situações como a dependência química, sem o apoio familiar feito de forma sadia seria impossível atingir números tão significativos.

O tratamento deve visar e resgatar a autonomia dos sujeitos e de cada pessoa da família, levando em consideração o contexto em que vivem e suas particularidades⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise realizada percebemos que o trabalho interdisciplinar tem sido fator importante no cuidado com família de pessoas que estão com dependência química, principalmente quando estes passam por tratamento voluntário.

Através do trabalho desenvolvido pela AMARJA fica claro que existe um emaranhado de desafios, mas que uma metodologia clara e concisa de tarefas alinhadas a uma equipe que é diversa em conhecimento, mas que atuem com objetivos comuns, faz destes desafios possibilidades para o desenvolvimento de ações eficazes para o tratamento tanto da pessoa com dependência química quanto com seus familiares.

Os índices de tratamentos concluídos em Comunidades Terapêuticas no Brasil são muito baixos, isso se dá devido ao caráter do tratamento que é voluntário. Poucas instituições oferecem serviços especializados para atendimentos terapêuticos às famílias. Acreditando que a família é realmente o alicerce que cada ser humano precisa para se desenvolver enquanto pessoa é que a AMARJA realiza este trabalho. E os resultados apresentados não deixam mentir quanto a eficiência deste trabalho interdisciplinar voltado para a família em um todo.

Compreender que o ser humano é um ser integrativo de um vasto universo torna a auto percepção das pessoas maior. E nesse sentido é possível vivenciar as dificuldades do trabalho interdisciplinar, pois é possível olhar mais para si do que para o outro, observar o que seu trabalho pode agregar e auxiliar a atingir o objetivo desejado ao invés de olhar para as dificuldades do outro, e quando a equipe é capaz de fazer isso, ela então é capaz de passar esse conhecimento e técnica para o outro que neste caso é a família. O familiar que participa do tratamento que reconhece a codependência começa a se analisar e não mais olhar para o outro, observa o que ele precisa mudar em si e não mais aponta para o outro que tem a dependência química, assim se deixa o sentimento de culpa e se assume a responsabilidade, retoma seu verdadeiro papel na família.

Enfim, não existe uma receita pronta, o que existe é um caminho a trilhar que envolve o desafio de constituir uma equipe capaz de trabalhar em conjunto com

grande competência técnico-profissional e a abertura da família em receber o cuidado também.

REFERÊNCIAS

1. Kerr-Correa F. Os fatores de proteção e os fatores de risco para o uso de crack, álcool e outras drogas. In: Kerr-Correa F, Maximiano VAZ. Capacitação para comunidades terapêuticas – Conhecer para cuidar melhor: curso para líderes, voluntários, profissionais e gestores de comunidades terapêuticas. Brasília: SENAD; 2013. p.67-74.
2. Batista Neto F. Drogas: porque as pessoas usam? É possível prevenir? Florianópolis: Insular, 2009.
3. Furegato AR F.; Gattás MLB. Interdisciplinaridade: uma contextualização. Acta Paulista de Enfermagem. 2006 [Acesso em: 2016 fev 27]. v. 19, n.3, p. 323-327. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000300011.
4. Pilon SC; Jora NP; Santos, MA. O papel da equipe multidisciplinar na dependência química. In: Alessandra Diehl [et al.]. Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas. Porto Alegre: Artemed, 2011. p.453-460.
5. Simão, MO; Smaira, SI. Abordagem familiar da dependência de crack, álcool e outras drogas. In: Kerr-Correa F, Maximiano VAZ. Capacitação para comunidades terapêuticas – Conhecer para cuidar melhor: curso para líderes, voluntários, profissionais e gestores de comunidades terapêuticas. Brasília: SENAD; 2013. p.221-234.